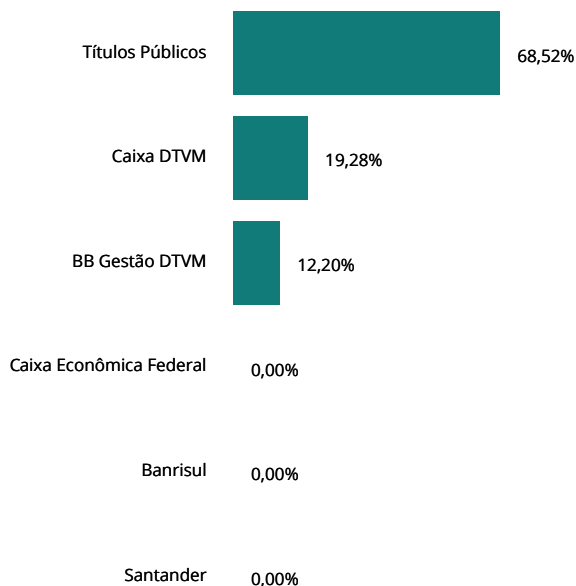


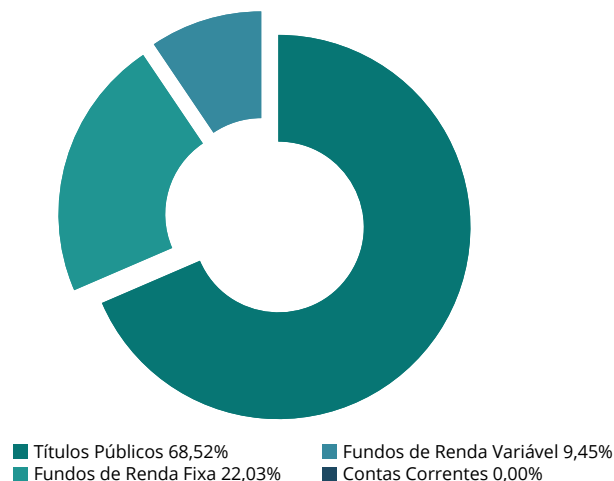
INPREVID

Os recursos do INPREVID são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



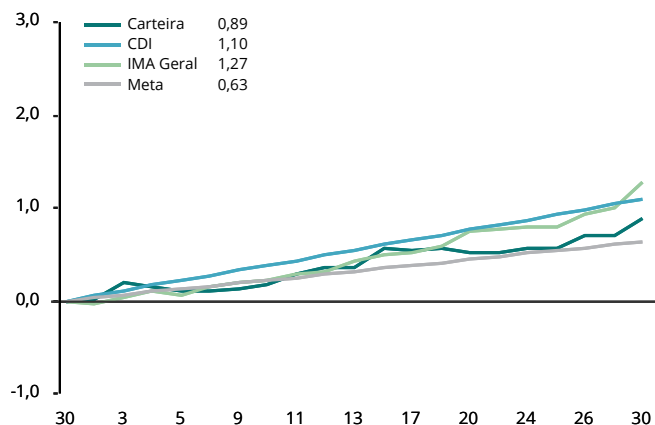
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



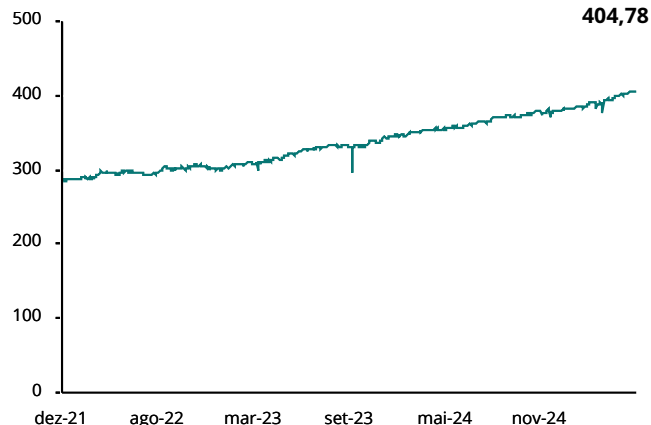
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
INPREVID	0,89%	6,31%	11,16%
META ATUARIAL - INPC + 4,93% A.A.	0,63%	5,59%	10,33%
CDI	1,10%	6,41%	12,13%
IMA GERAL	1,27%	7,91%	10,73%
IBOVESPA	1,33%	15,44%	12,06%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



INPREVID

Em junho, o ambiente externo evoluiu de forma favorável, com o mercado absorvendo os choques recentes ocorridos na economia global. Os riscos geopolíticos ficaram menores ao longo do mês com o acordo de cessar-fogo entre Israel e Irã, ainda que temporário. Na economia brasileira, o ritmo de crescimento permanece resiliente, mas surgem sinais mais evidentes de desaceleração, com índices de confiança caindo, aumento na inadimplência e redução no mercado de crédito.

O impulso da economia dos Estados Unidos continua, mas apresentando sinais de enfraquecimento. Os indicadores de atividade do mês sugeriam um desaquecimento na indústria e nos serviços, pressionados por incertezas políticas e tarifárias. Apesar disso, setores como alimentação, tecnologia e saúde continuam sustentando o crescimento, mesmo com a demanda enfraquecendo e redução da confiança empresarial.

Adicionalmente, o mercado de trabalho continua resiliente, com os relatórios mostrando um número de abertura de vagas próximo do esperado, mas com uma expressiva correção dos meses anteriores. Além disso, os salários continuam elevados e preocupam sobre a dinâmica dos preços finais. Apesar de recuos pontuais nos índices de preços ao consumidor e ao produtor, as tarifas comerciais continuam a indicar possíveis problemas inflacionários nos próximos meses.

Assim, o Federal Reserve permaneceu cauteloso na decisão de juros. Mesmo com sinais de desaquecimento na criação de empregos, o banco central estadunidense evitou antecipar cortes nas taxas de juros, avaliando os impactos de tarifas adicionais sobre preços. As projeções da autoridade monetária mostram que as condições econômicas seguem desafiadoras em 2025, com mais inflação, maior taxa de desemprego e menor crescimento.

O bloco europeu continua tentando recuperar sua economia, em conjunto com a redução de juros pelo banco central. A atividade econômica permanece em condição fragilizada, dividida entre serviços em desaceleração e indústria em território negativo. Embora a inflação esteja próxima da meta anual, segue se identificando uma pressão sobre os preços de serviços. E, ainda que as condições dos preços ampliem a margem para estímulos monetários, os conflitos comerciais com os Estados Unidos e a demanda global fraca limitam o potencial de melhora econômica.

Na China, o governo tenta implementar estímulos para a recuperação interna, mas as condições tarifárias adicionam desafios econômicos. Enquanto o setor varejista reage positivamente a subsídios e políticas de incentivo, a retração no setor industrial e nas exportações em maio pressionaram a economia com redução dos pedidos, estoques e empregos. Mesmo com avanços diplomáticos, o acordo comercial com os Estados Unidos só progrediu no final do mês. Após a trégua tarifária em maio, o acordo em junho envolveu licenças de exportação de minérios de terras raras, suspensão das restrições tecnológicas e a revogação de vistos. Contudo, há limitações ainda indefinidas, como disputas estruturais e práticas econômicas chinesas.

No Brasil, a tensão entre o Executivo e o Congresso bloqueou a tentativa de avanço fiscal, pressionando a percepção de risco do mercado. Os esforços para elevar a arrecadação através da mudança tributária do IOF encontraram resistência e o governo enfrenta dificuldades para manter o compromisso com a meta do arcabouço fiscal.

Apesar dos ruídos, a agência de classificação de risco Fitch e Moody's mantiveram a nota de crédito do país estável. A resiliência da economia e o perfil da dívida são vistos como segurança, mas os sinais de deterioração nas expectativas fiscais limitaram o espaço para ganhos adicionais na confiança dos investidores, refletido na curva de juros futuros.

No campo monetário, o banco central elevou novamente a taxa de juros, sinalizando uma postura firme quanto à manutenção prolongada da Selic em patamar elevado. O movimento expressa a preocupação dos membros da autoridade monetária com a desancoragem das expectativas de inflação, a elevação do risco fiscal, a resiliência da economia, principalmente o mercado de trabalho, além das incertezas externas, como a indefinição da política tarifária dos Estados Unidos.

O segundo trimestre iniciou com dados positivos, mas a consistência do resultado ainda é incerta. O desempenho do varejo, dos serviços e da indústria sugeriu um ritmo mais lento, compatível com os efeitos defasados da política monetária. Além disso, o impulso observado em abril está associado à agropecuária do primeiro trimestre, que estimulou o setor de transportes. As expectativas continuam sinalizando um menor crescimento da economia, com um alívio sobre a perspectiva dos preços, apesar da continuidade na geração de empregos.

O mercado de trabalho seguiu surpreendendo com a queda na taxa de desemprego na média móvel trimestral, junto ao aumento dos salários e da formalização do trabalho, fatores que fortalecem o consumo das famílias. No entanto, o Caged evidenciou que as empresas estão mais receosas em contratar novos trabalhadores. Até o momento, o mercado de trabalho segue resiliente e dificulta o controle inflacionário, mantendo os juros em patamar elevado.

INPREVID

Em junho, os ativos de risco encerraram com desempenho positivo. No exterior, o maior apetite por risco favoreceu a desvalorização do dólar e a valorização de commodities. No Brasil, os ativos refletiram o ambiente externo mais favorável, com destaque para a valorização do real em relação ao dólar. O mercado local dispôs de uma política monetária mais restritiva, com a perspectiva de manutenção por um período prolongado, o que ampliou o diferencial de juros e aumentou a atratividade de capital. Por outro lado, a parte mais curta da curva de juros foi impactada pelo aumento da Selic. Por sua vez, as taxas mais longas recuaram, influenciadas por indicadores de inflação e mercado de trabalho abaixo das expectativas.